

Um Édipo para o século XXI

Estreado em Atenas durante o último Festival de Epidauro, o *Édipo* que a Schaubühne de Berlim traz a Almada actualiza o mito trágico, cruzando-o com alguns temas que marcam a actualidade, como a crise ambiental e o assédio moral no meio laboral. Thomas Ostermeier afirmou-se, em primeira instância, incapaz de lidar com os mitos gregos: “Quem não acredita no conceito de destino não está talhado para encenar clássicos gregos. Estas peças pedem que não passemos fronteiras, o que é exactamente o contrário da minha prática habitual nos palcos. Não sei lidar com essa espécie de cosmologia”. Por isso pediu à dramaturga residente da sua companhia, Maja Zade, uma nova versão, actualizada, da mais conhecida tragédia de Sófocles.

A acção — que respeita as unidades de espaço e tempo da tragédia antiga — decorre numa luxuosa casa de férias grega.

Christina, dona de uma empresa de químicos, e Michael — seu empregado, seu companheiro e também bastante mais novo do que ela — decidiram tirar uns dias num sítio soalheiro enquanto aguardam o nascimento do seu primeiro filho. Essa manhã inicia-se como outra qualquer: Christina prepara um *smoothie* para si enquanto Michael foi fazer *jogging*.

Mas eis que chega à *villa* paradisíaca o irmão de Christina, Robert, que confronta Michael com o facto de ter ordenado uma investigação a um acidente ocorrido na empresa da família sem avisar ninguém: um dos camiões da companhia terá derramado pesticida num lago. Estala uma discussão violenta, que se agrava com a chegada de Theresa, a melhor amiga de Christina e portadora de notícias ainda piores. À medida que o dia decorre, o futuro da empresa vai-se tornando cada vez mais negro, ao mesmo tempo que são revela-



O mito de Édipo é revisitado pela dramaturga residente da Schaubühne de Berlim

dos alguns segredos de família verdadeiramente chocantes. Ao cair da noite, Christina e Michael já só contemplam, perplexos, os casos em que ficou a sua felicidade: um dia que se iniciara auspicioso acaba em tragédia.

Este *Édipo* contemporâneo uti-

liza a estrutura do mito original para analisar a forma como uma vida pode alterar-se completa e subitamente. O que sucede quando aquilo em que sempre acreditámos se revela falso? E quando uma vida aparentemente tão estável acaba feita em pedaços?

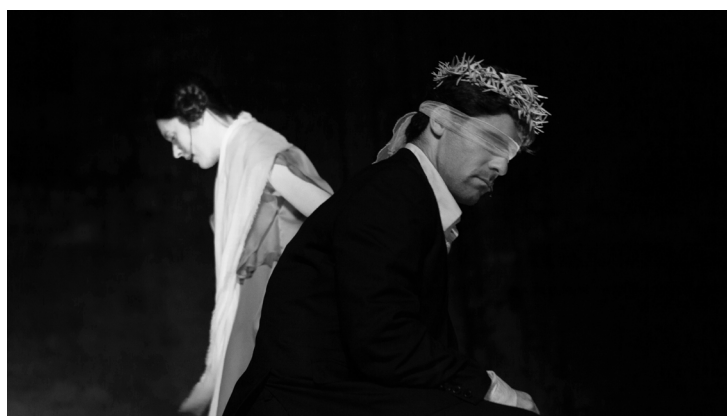
Que sonho é este?

António Pires é um grande entusiasta deste *Sonho*, de August Strindberg: “É um texto absolutamente maravilhoso: uma grande reflexão sobre a humanidade. Muito humana e irónica”. Inês, filha de deuses, desce à terra para conhecer os humanos. Após experimentar todos os tipos de sofrimento humano, como a pobreza, a crueldade ou a rotina da vida familiar, conclui: “Os humanos são dignos de pena”.

Não foi por acaso que o encenador escolheu este texto, entre muitos outros de Strindberg, para o espectáculo que se estreou nas ruínas da igreja do Carmo em Agosto de 2021, e que agora regressa à cena no Palco Grande do Festival: “Gosto de peças assim.

Disruptivas. Com um ar inacabado. Nas quais possa pôr em cena mais ideias, do que propriamente uma narrativa fechada. Quando sonhamos não sabemos em que tempo estamos. É o que acontece à filha dos deuses. Quando acorda, terá realmente vivido o que diz ter vivido?”.

A peça de Strindberg foi analisada à lupa. Nela o dramaturgo sueco rompe com um realismo de sucesso, que durante muitos anos lhe pagou as contas e os caprichos. Muitos avistam neste texto o dealbar da era simbolista. António Pires dá exemplos de textos que foram beber à fonte que é este *Sonho*. “Vêm-me à cabeça dois, que até encenei: *Os gigantes da montanha*, de Luigi Pirandello, e *O*



Pires dirige um texto no qual Strindberg se afastou do naturalismo

público, de Federico García Lorca. Trata-se de reflexões, através das quais podemos ir mais longe quando erguemos o espectáculo com os actores. O trabalho de leitura e de discussão que sempre fazemos antes de começar os ensaios no palco, neste caso específico, durou até ao dia da estreia”.

Em *O público*, de Lorca, há um momento em que alguém do elenco vem dizer ao encenador: “Está lá fora o público”. A resposta é breve e seca: “Que entre”.

Apetece-nos lançar o mesmo tipo de desafio, amanhã, ao público do Palco Grande: entrem e sonhem.

"Devíamos conversar"

No colóquio de ontem Jorge Silva, encenador, começou por clarificar que a primeira parte de *Em casa, no zoo* foi a penúltima peça de Edward Albee, escrita quase cinquenta anos depois de *Zoo Story*. Escreveu esta primeira parte, "porque achou que a personagem do Peter estava desequilibrada em relação à de Jerry, e decidiu criar mais uma personagem maravilhosa, que é a mulher do Peter, a Ann". A primeira parte do espectáculo consistiu portanto numa estreia absoluta em Portugal. A tradução foi feita

por uma dupla: Graça Margarido e Mick Greer, que trabalham habitualmente com esta companhia, que está a ponderar publicar o texto. *Zoo Story*, a segunda parte do espectáculo, foi montada em Moçambique pela primeira vez pelo encenador Mário Barradas, logo após Albee a ter estreado em 1959, na Alemanha. "Esta versão da peça, de 2004, *Em casa, no zoo*, actualizou *Zoo Story*, cortando duas ou três cenas". Primeiramente esta versão chamava-se *Peter and Jerry*. "É uma versão que tem sido muito representada pelo



© Luana Santos

Mundo", atalhou Eugénia Vasques, a quem Jorge Silva esclareceu que este espectáculo tem obrigatoriamente de ser representado com as duas partes, uma vez que os detentores dos direitos de Albee não permitem que as companhias profissionais representem só a segun-

da parte. A primeira parte, que representa a vida familiar de Peter, começa por uma fala da Ann, a sua mulher, que lhe diz, enquanto ele está a ler e não a ouve: "Devíamos conversar" — o que lança o conflito e a dificuldade de comunicação entre este casal.

MEU FESTIVAL

Um texto contra o esquecimento

Escolher o espetáculo de que mais gostei no Festival de Almada: tarefa muito difícil! É que se trata de mais de 25 anos de militância festivaleira, com tantas excelentes recordações... Com a criação do Festival, pelo nosso Joaquim Benite, foi possível começar a ver bom teatro e sem atravessar a ponte! Assistindo, no início, a alguns espetáculos do Festival esporadicamente, apenas a ele aderi a partir de meados dos

anos noventa, o que me permitiu ter vivido momentos inolvidáveis. Mas tenho de escolher um... Então, o meu voto vai para a peça *Se isto é um homem*, do Festival de 2019. Baseia-se numa obra literária notável, escrita por Primo Levi, que relata a sua própria experiência vivida em Auschwitz, e que Rogério de Carvalho adaptou e depois encenou de uma forma notável, contando com uma interpretação superlativa dum ator, Cláudio da Silva, até aí quase desconhecido por mim. Esta peça fez-me sentir que, embora sendo impossível compreender o que aconteceu, é necessário conhecê-lo e lembrá-lo. Sempre! | **Joaquim Costa, 75 anos, professor de química**



© Rui Carlos Mateus

Cláudio da Silva recebeu um Globo de Ouro pela sua interpretação

O sentido dos Mestres: dia 2

Quais são as ferramentas de um cenógrafo? Pelos diagramas apresentados, o cenógrafo dispõe de mais utensílios do que uma caixa de ferramentas bem recheada, onde cabem a luz e o espaço cénico, entre muitas outras coisas. "Os ensaios são um laboratório. A cenografia deve partir do chão. De um mapa desenhado que o actor depois semeia, povoando a cena com as palavras. O espaço da cenografia deve permitir passeios orgânicos e evitar devaneios escusados". A sessão terminou com a evocação de alguns dos projectos mais marcantes do cenógrafo.

Copos reutilizáveis a partir de hoje

Em boa hora uma voz amiga nos sugeriu, ainda nos primeiros dias do Festival, que para o ano aderíssemos à prática da utilização de copos reutilizáveis no Restaurante e no Bar da Esplanada da escola. Na verdade, passamos a assumir essa prática a partir de hoje. Por cada bebida servida em copo os espectadores entregarão um depósito de um euro, que lhes será devolvido quando entregarem de novo o copo, em bom estado de conservação, e a respectiva senha. O ambiente agradece.

Pedro Carraca na Esplanada

Amanhã o actor Pedro Carraca estará na Esplanada da Escola para mais um encontro com o público. A conversa será moderada por Eunice Tudela e abordará a peça *A coragem da minha mãe*, uma produção dos Artistas Unidos protagonizada pelo actor. Este texto do húngaro George Tabori aborda o drama da deportação dos judeus para Auschwitz, a partir das memórias da mãe do próprio autor. A peça, com um inesperado tom de humor cruel e cínico, foi uma das últimas encenações de Jorge Silva Melo.

AGENDA DE AMANHÃ

15:00 | O sentido dos mestres
José Manuel Castanheira
Casa da Cerca

18:00 | Colóquio
Pedro Carraca
Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro
ödipus
Teatro Municipal Joaquim Benite

20:30 | Música
Katerina L'dokova
Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro
Sonho
Escola D. António da Costa

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE
Carbonada criolla
Bacalhau cozido

AMANHÃ
Carne de vaca c/ molho verde
Sardinhas fritas c/ salada de favas

APLICAÇÃO DO FESTIVAL DE ALMADA

